

**#Forabolsonaro. A cidade será periferia ou não será.
Movimentos urbanos contemporâneos e suas redes ¹**

Paulo Celso da SILVA²
Roberta Lins Gregório LOUSADA³
Odailson Almeida FONSECA⁴
Geyvison Ludugério⁵
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

RESUMO

Resultante de estudos feitos na disciplina Mídia, cidade e práticas socioculturais, este artigo apresenta autores que nos ofereceram caminhos para compreender como a sociedade brasileira foi em direção aos valores e práticas políticas da extrema esquerda. Nesse trajeto temas e conceitos como a ditadura brasileira, a guerra fria, globalização, cidade, a periferia foram perseguidos sempre tendo como horizonte o fazer comunicacional multidisciplinar. As hastags que o leitor encontra no lugar dos subtítulos, não o direciona para um site do mesmo tópico, mas deve ser compreendida como um engajamento nos assuntos propostos e relacionados pelo fio comunicacional de sua experiência cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: #Forabolsonaro; Periferia; Direita brasileira; Movimentos sociais; cidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do PPG Comunicação e Cultura da UNISO, e-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

³ Doutoranda do PPG Comunicação e Cultura da UNISO, e-mail: robertagregorio@yahoo.com

⁴ Mestrando do PPG Comunicação e Cultura da UNISO, e-mail: odailson.fonseca@ucb.org.br

⁵ Mestrando do PPG Comunicação e Cultura da UNISO, e-mail: geyvison@gmail.com

Nossa cidade será uma flor
As avenidas com carros de amor
Pois amanhã vamos pra rua fazer
Fazer uma tremenda anarquia
Pintar as ruas de alegria
Porque
Quem manda hoje somos nós, mais ninguém
E não ligamos pra quem vai
Nem quem vem atrapalhar!
Há quem nos queira atrapalhar!
Ronnie Von – Anarquia (1968)

#Intro/Nitro

Em 1977, analisando o que estava posto e aquilo que poderia vir-a-ser, Félix Guattari nos ofereceu uma reflexão intitulada ‘Somos todos grupelhos’ (1981, págs. 12-19) na qual indicava que “podemos imaginar que seguramente acontecerá muita coisa nos próximos anos. E de tudo quanto e tipo, revoluções, mas também, sem sombra de dúvida, umas merdas do tipo fascismo e companhia” (GUATTARI, 1981, pág. 13) e se perguntava o que poderíamos ou deveríamos fazer: esperar? Ir para a ação? E concluía que a IBM já tinha calculado as variações para todas as possibilidades amagináveis, depois de Maio de 1968. Nessa mesma obra traz importantes contribuições para compreender a variedade dos quais o devir poderia se manifestar em uma sociedade capitalista.

Sem dúvida, o autor francês que conhecia parte do que ocorria por estes lados do Atlântico, imaginava que um devir-Borderline renasceria nas periferias brasileiras, mas não como minorias, mas como Sujeito Periférico (D'ÁNDREA apud ROVIDA, 2020, pág. 40) ativo nas bordas das cidades. E para compreender a dimensão da periferia, ultrapassando aquilo que estava/está no imaginário e na mídia de ser o locus da pobreza e das violências, para incluir cultura e potência. “Ao mesmo tempo que *periferia*, como conceito, passava por mutações internas, *periferia* também fazia parte dos significados da noção de classe trabalhadora” (D'ÁNDREA, 2020, pág. 25).

De outra parte, em 2003, o doutorando estadunidense Benjamin A. Cowan chega ao Brasil para conhecer e pesquisar na Biblioteca da Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro, temas como autoritarismo, radicalismo de direita, moralidade e sexualidade. De lá para hoje, a pesquisa o levou a desvendar também que a direita de nossos dias é uma construção que deve ser entendida na relação entre o local e o global e não apenas

em um ou outro, mas na sua transnacionalização (MEZAROBBA, 2021) e as denominações religiosas cristãs conservadores participam ativamente. Na mesma direção, Giuliano Da Empoli lança a obra ‘Engenharia do Caos’ analisando o surgimento/papel das direitas no mundo e os exemplos desse Caos aparecem na Itália, Hungria (Orbam), no Brexit, no Trumpismo e Bolsonarismo.

Os autores e reflexões, apontados anteriormente, foram alguns dos utilizados nas discussões da disciplina Mídia Cidade e Práticas Socioculturais no primeiro semestre de 2021 e suscitaram indagações em decorrência do momento vivido por todos no Brasil e posicionamentos da direita que além das indagações, causavam indignações e queriam nos remeter para adagações. Partimos, então, na busca, não das respostas, mas dos caminhos para a compreensão dos nossos sentimentos.

Assim, reconhecendo em autores e práticas sociais da nossa contemporaneidade pudemos chegar se não a um ‘bom termo’, pelo menos a um satisfatório ao final do semestre. Estávamos vivos, apesar de Roberta ter contraído o vírus, tínhamos algum entendimento e podíamos prosseguir... e sair em férias.

Este é um caminhar disciplinar, mas que se incendeia ao fazer seu caminho.

#direitavolver

Viver e perceber o momento atual sem o incomodo de moralismos, declarações anticência, quando não concordam aos interesses governamentais, Fake News (com maiúsculas!), critérios religiosos para a não aprovação de subsídios culturais, acupunturistas arbóreos para comprovar fraudes eleitorais, nos trazem... melhor dizer, indignam a muitos brasileiros (e estrangeiros, principalmente) que se perguntam como chegamos aqui? As merdas do tipo fascismo e companhia que Guattari indicava, ficaram todas aqui? Sendo a ciência um processo com grande dinamismo em sua evolução visando construir os conhecimentos, sempre mutáveis, procuramos verificar o que tínhamos e como/onde chegaríamos.

Uma primeira aproximação, do ano de 2015, foi quando um grupo de intelectuais convidados por Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Cudas trabalharam os temas na obra ‘Direita, Volver! O Retorno da Direita e o Ciclo Político Brasileiro’. Na introdução afirma:

O passado condena, mas o tempo corrói a memória. Na oitava década do século passado, 40 anos transcorridos desde o final da Segunda Guerra Mundial, a extrema direita estava de volta ao prosclênio da política europeia... O passado ditatorial no Brasil é mais recente, e a Nova Direita também. Mas ela está aí e se agita com estridência, para que ninguém disso duvide. Não se trata de fenômeno nacional. Por toda América Latina, assistimos ao reagrupamento de forças no campo do conservadorismo, com a emergência de novas caras, a atualização do discurso e o emprego de estratégias e táticas novas. No Brasil e na América Latina, a direita se mostra frequentemente

mais afoita: ela opta pela guerra de movimento, e busca o poder a qualquer custo, mesmo que para tanto precise transformar, como no passado, em mero arremedo os princípios do Estado de direito e as normas do regime democrático. O livro que ora apresentamos constitui uma primeira tentativa de mapear esse fenômeno no Brasil, situando-o no contexto histórico e internacional. Procuramos traçar um quadro abrangente dele, que levasse em conta suas múltiplas dimensões e aspectos. VELASCO E CRUZ, Sebastião, KAYSEI ,André e CODAS Gustavo (orgs.), 2015, pág.9)

E os autores faziam a ressalva de que a obra não era o fim, mas o início de um processo mais longo de reflexão do tema. O livro explorava o tema e campo da direita mas não queria explicar como o fenômeno havia se dado ou como deveria ser tratado na prática e, ainda, pela urgência em refletir o tema, autores diversos foram convidados sem constituir uma linha única, ao que Emir Sader (2015) considerará na sua resenha, a época, “a riqueza do livro, pelas abordagens diferenciadas, conforme o tema definido para cada autor”.

E os organizadores faziam um alerta importante em 2015 e essencial em 2021:

Contudo, tal enfrentamento não poderá ser bem sucedido, do ponto de vista da esquerda, se não se compreender a fundo o adversário. A desproporção de trabalhos acadêmicos existentes sobre ideologias, correntes e organizações políticas de esquerda, em comparação com aqueles devotados às suas congêneres da direita, aponta para o quanto a intelectualidade progressista desprezou as direitas, suas ideias, valores e sua capacidade de interpelar e mobilizar amplos setores e frações da sociedade. Grande parte do desconcerto atual frente ao caráter multitudinário das manifestações direitistas deste ano é um resultado dessa combinação de ignorância e desprezo. Nos dias que correm, a nova direita brasileira se põe diante de nós como uma esfinge: decifra-me ou te devoro. Decifremo-la antes que seja tarde demais. VELASCO E CRUZ, Sebastião, KAYSEI ,André e CODAS Gustavo (orgs.), 2015, pág. 11)

Dessa forma, já em 2015 havia que decifrar outras possibilidades de políticos e políticas que estavam em curso baseados em algoritmos, uso de big data e atores distintos daqueles conhecidos como ‘políticos profissionais’, mesmo sendo os chamados ‘baixo clero’ que pouco ou nada tem de expressão no cenário. Agora são técnicos informáticos, matemáticos e empresas informacionais em auxílio a tomada do poder, ao que Da Empoli denominará de tecnopopulismo pós-ideológico

fundado não em ideias, mas em algoritmos disponibilizados pelos engenheiros do caos. Não se trata, como em outros países, de homens políticos que empregam técnicos, mas de técnicos que tomam diretamente as

rédeas do movimento, fundam partidos e escolhem os candidatos mais aptos a encarnar sua visão, até assumir o controle do governo de toda a nação (DA EMPOLI, 2019, pág.15).

O autor italiano vai trabalhar em seu livro os casos da chegada ao poder da nova direita na Itália, Brasil, EUA e a votação do Brexit e também do papel das fake News como vetores de coesão onde a crença no absurdo demanda uma lealdade que beira a irracionalidade coletiva de um grupo minoritário, mas altamente comprometido. Neste ambiente, os líderes exigem 100% de cumplicidade idólatra e qualquer mínimo deslize, ou percentual abaixo disso, é punido imediatamente com a exclusão do pertencimento ao velho estilo da ‘excomunhão ruma à fogueira’. Vive-se uma transição do poder de influência dos comunicadores para os físicos e profissionais de tecnologia. Os números e comparativos científicos, mediante cruzamento detalhado e quase microscópico de dados, tudo isso repassou a força persuasiva para os técnicos matemáticos que sabem decifrar os dados.

Surge a ilustração da política quântica que, à exemplo dos fragmentos ainda menores que o átomo e sua imprevisibilidade, podem permitir atingir microscópicos nichos ideológicos e militantes capazes de causar mobilizações surpreendentes. Isso devido à precisão de dados e alcance dos algoritmos oriundos da tecnologia programada pelos engenheiros do caos.

Com a política quântica, a realidade objetiva não existe. Cada coisa se define, provisoriamente, em relação a uma outra, e, sobretudo, cada observador determina sua própria realidade. No novo mundo, como dizia o ex-presidente do Google, Eric Schmidt, é cada vez mais raro ter acesso a conteúdos que não sejam feitos sob medida. Os algoritmos da Apple, do Facebook ou do próprio Google fazem com que cada um de nós receba informações que nos interessam. E se, como diz Zuckerberg, nos interessamos mais por um esquilo agarrado na árvore em frente à nossa casa do que pela fome na África, o algoritmo dará um jeito de nos bombardear com as últimas notícias sobre os roedores do bairro, eliminando assim toda referência sobre o que se passa do outro lado do Mediterrâneo (DA EMPOLI, 2019, pág.53).

Mas esse mundo de fábula não está isento de contradições e paradoxos na construção de uma realidade paralela que, pela nossa experiência cotidiana no Brasil, convence um grupo de pessoas de sua, não apenas veracidade, mas de sua existência efetiva. Pais tinham certeza de ter visto o Kit Gay na mochila de sua/seu filha/filho, apregoado pelo presidente, ministras e ministros de estado e, quando foi desmentido, eles

tinham certeza de que isso nunca ocorreu. A coerência dos fatos não é processual, mas momentânea e individualizada. Senhoras e senhores sexagenários não veem contradição em escutar música de protesto contra o Vietnã, a favor da paz e amor, liberação da mulher e da liberdade individual e coletiva – em inglês na maioria – mas defenderem posições ultra reacionárias advindas de políticos. Afinal, uma coisa é a música/letra e outra o que vivemos.... “O direito de se contradizer e ir embora, que Baudelaire invocava para os artistas, virou, para os novos políticos, o direito de se contradizer e permanecer, sustentando tudo e seu contrário, numa sucessão de *tweets* e de transmissões ao vivo no Facebook” (DA EMPOLI, 2019, pág.54).

Aproveitando as possibilidades abertas pelas tecnologias da comunicação e informação, a nova direita da América Latina também deve ser entendida pelo seu caminhar de apoios às ditaduras. No caso brasileiro, algumas denominações evangélicas e setores conservadores católicos apoiaram incondicionalmente os golpes de 1964 e de 1968 contra a população brasileira em defesa de uma moralidade em perigo e contra uma modernidade desestruturante da sociedade, a isso Benjamin A. Cowan vai conceituar de Pânico Moral e Política Antimoderna (MEZAROBBA, 2021, pág. 82), se antes era a guerra fria e seus “perigos internacionais comunistas”, hoje é o cenário da globalização e, para muitos, ainda a pauta do anticomunismo e a permissividade que traz em seu bojo. Quando perguntado como tudo isso chegou no século XXI, indica Cowan:

A semelhança entre o atual presidente do Brasil e Donald Trump, por exemplo, vem do trabalho desenvolvido no passado por ativistas brasileiros e norte-americanos que deliberadamente estabeleceram uma pauta mais sobre temas identitários do que ideológicos. O que a oposição ao aborto tem a ver com o porte de armas e o tamanho do Estado, em relação a programas de bem-estar social? Esses ativistas entenderam a importância da construção de uma plataforma que apelaria a uma certa massa e por isso constituíram esses vínculos. Minha pesquisa em arquivos religiosos, não só do Brasil e dos Estados Unidos, mas também da Itália, mostra o aborto como tema capaz de aglutinar muita gente (MEZAROBBA, 2021, pág. 82).

Na obra de 2021 intitulada ‘Moral Majorities across the Americas. Brazil, the United States, and the Creation of the Religious Right’, Cowan desenvolve sua tese de que o contexto da direita brasileira precisa ser entendido como algo transnacional nos quais as pautas são comuns e informacionalmente verificadas.

Esta introdução nos remete agora a dois momentos nos quais a mídia nos oferece mostras do descontentamento e de uma reorganização dos movimentos sociais, como é o

caso do Revolução Periférica que contesta, inclusive, a representatividade da avenida Paulista, na cidade de São Paulo, para os moradores mais periféricos, entendendo aqui periferia na proposta anteriormente indicada de D'Ándrea.

#Acidademovimentaossociais

Assim como a antiga Ágora grega, um “Espaço Público” que surgiu de uma ideia em prol da democracia e da liberdade de voz e que, com o passar do tempo se transformou em um comércio com traços meio bagunçados, o qual Berman (1994) definiu com suas características de mistura de classes, onde não se distinguia “patrões e donos, dos seus escravos...”, as redes sociais digitais também possuem seu amontoado de personas e avatares em busca de o que chamam de engajamento digital, ou relevância dentro de uma certa bolha de seguidores. Por meio de likes e compartilhamentos, uma informação isolada e descredenciada pode se tornar uma referência verídica e transformar anônimos em autoridades em diversos assuntos, falar acerca da política e seus desdobramentos parece ser o tópico principal para amontoar em grupos e gerar manifestações nas ruas e praças das cidades de diversos portes.

Esta espaço público que hoje adaptado ao ambiente ciber se torna o “ciberespaço”, definido por Levy (2010, pág. 17) como “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga”, tem um papel principal na organização destes levantes. Por abrigar, também de forma misturada, diversas técnicas, práticas, modos de pensamento e valores faz com que este grande espaço absorva constantemente novas formas de interação e forneça ferramentas que promovam, não apenas a troca comercial, mas também uma troca intelectual. No entanto, por não possuir um intermediador definido nas trocas de informações, como nas mídias tradicionais, as verdades e inverdades são apenas uma peça deste imenso quebra-cabeça cibernético. Estabelecer diálogos baseados em fatos reais parece já não fazer mais parte deste jogo, o que se mostra primeiro em grupos de WhatsApp ou em feeds, aparenta ser uma informação com créditos, prejudicando o diálogo democrático. Como Santos (1992, pág. 127) afirma “o homem moderno é, talvez, mais desamparado que os seus antepassados, pelo fato de viver em uma sociedade informacional que, entretanto, lhe recusa o direito a se informar”, sendo assim, a cidadania é exercida com base em fatos, eles sendo factuais ou inventados. A informação continua a ser um privilégio no lugar de

um direito do cidadão e manipulada por grupos, agora não apenas os grandes conglomerados jornalísticos ou informacionais, mas detentores dos *bots* (uma programação que simula ações humanas) que manipulam, criam e recriam fatos para serem distribuídos em rede.

Estes diálogos, produzidos por atores das redes, ou seja, pontos de conexão e troca de informações, nem sempre assumidos por seres humanos, os não-humanos automatizados também assumem um papel importante neste fluxo de dados, gerando ou apenas repassando bits de informação. Na Teoria do Ator Rede (TAR ou no original ANT - Actor-Network-Theory, a qual remete às formigas, sempre a buscar caminhos), a noção de espaço ocupado pode ser compreendida pelas dimensões abstrata ou relacional, no caso dos movimentos contestatórios por exemplo, observamos uma transição de força das conexões relacionais no “espaço rede” que se apresentam no “espaço urbano” em forma de união de sentimentos, ações e reações. Lemos (2013, pág. 57) exemplifica esta dinâmica como um deslocar de móveis em uma sala ou a construção de prédios, ruas ou monumentos, assim afirmando que “podemos ver o ciberespaço a partir dessa perspectiva. Ele é espaço abstrato, enquanto infraestrutura planetária de redes telemáticas interligando computadores. Mas ele é espaço relacional, ou espaço-rede, em formação permanente pela articulação de objetos, humanos e não-humanos” (LE MOS, 2013, pág. 57), e estamos sempre produzindo espaço com novas conexões com pares e atores dentro das redes sociais, estas conexões formam grupos de afinidade e dos grupos os movimentos sociais.

Empoli (2019) também compara este ambiente sem regras sociais pré-definidas como um Carnaval de rua, no qual os gêneros e posições se misturam. Citando Goethe em sua viagem para a Itália, ele observa que “A diferença entre castas alta e baixa parece, por um instante, suspensa; todos se aproximam uns dos outros, todos aceitam com desenvoltura seus destinos, enquanto a liberdade e a permissividade são mantidas em equilíbrio pelo bom humor universal” (GOETHE, 2007 apud EMPOLI, 2019, pág. 7). Com as emoções à flor da pele, qualquer toque ou sinal o alvoroço pode ser criado. Assim também se assemelha as redes sociais, onde qualquer informação pode causar um incêndio com proporções irreversíveis. Dependendo das intenções dos líderes dos grupos envolvidos, a desordem é o principal objetivo, deixando de lado os interesses gerais dos cidadãos. Destruir o patrimônio público, por exemplo, deixa de ser apenas um desgaste patrimonial e passa a se tornar um símbolo de marcas tangíveis deixadas no espaço

urbano, uma espécie de legado transferido do ambiente digital para o físico, como a que ocorreu no dia 24 de julho na cidade São Paulo, quando uma escultura do bandeirante Borba Gato, do escultor Júlio Guerra, foi incendiada pelo grupo Revolução Periférica reivindicando um #Forabolsonaro a partir da periferia de Santo Amaro/SP e não apenas do centro financeiro da Avenida Paulista/SP.

Não podemos permitir que esse símbolo do Genocídio se perpetue. Borba Gato fez parte do passado, mas não precisa fazer parte do nosso presente. Homenageá-lo é perpetuar o culto ao assassino que ele foi. É uma afronta a todos os espíritos dos homens e mulheres que ele matou. Manter Borba Gato em seu pedestal significa uma autorização para que, amanhã, sejam construídos monumentos para homenagear o genocida Jair Bolsonaro ou os milicianos que atuam nas favelas de todo o País, semeando a morte”, disse um dos jovens à reportagem dos Jornalistas Livres. (CAPRIGLIONE, 2021, s/p)

E a frase com a palavra de ordem, colocada na escultura em chamas foi: “A favela vai descer e não será carnaval!”





Figura Imagens da internet sem autor

Por outro lado, ao se aglomerar nas ruas anualmente, para declarar os seus novos reis Momos por exemplo, a parede imaginária de divisão de classes se desfaz. Sobre novas regras democráticas, as decisões não são refutadas, pois faz parte da brincadeira do carnaval. Este teatro social, onde as praças e avenidas se fazem palco, se transformam quando os verdadeiros líderes são questionados em suas decisões. Como em outros movimentos democráticos espalhados pelo globo e pela história, as ocupações dos espaços públicos por cidadão indignados, munidos por um sentimento de raiva e palavras de ordem já são uma prática comum na dinâmica democrática. As redes sociais se tornaram “redes de indignação e esperança”, definido por Castells (2013) como um meio dos movimentos sociais exercerem o contrapoder, que tem como base uma comunicação autônoma. “A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação.” (CASTELLS, pág. 20).

As redes sociais se apresentam com um ambiente propício para estimular os movimentos a ocupar os espaços públicos nas cidades, e com uma missão de mudança. Sendo assim, o cidadão encontra no próximo: pensamentos similares que ajudam a superar o medo de enfrentar sozinho o poder; o significado de ter o controle da própria cidade e a ideia de construção de uma sociedade livre. Como consequência, ambos os

espaços físicos e digitais são ocupados por movimentos ideológicos e sentimentos que geram ação como o medo e o entusiasmo.

Em meio a toda esta ebulição, os líderes populistas tiram proveito de diversos aspectos desta sociedade em rede. Por ter uma característica de uma construção social da autonomia, as ideias propagadas nas falas populistas se espalham com mais velocidade como se fossem ideias pertencentes a cada indivíduo, Castells (2013, pág. 171), estabelece uma conexão comum entre a internet e os movimentos sociais em rede: “eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas”. A autonomia de cada cidadão faz parte de um movimento, baseado em informações recebidas individualmente em seus dispositivos móveis e encontrar nas redes sociais um grupo com pensamentos similares dispostos a usar o seu corpo e sua voz como um ato de bravura e assim tomar conta da sua cidade é a essência destes novos movimentos culturais.

#Forabolsonaro

A luta contra Oswaldo Cruz e sua política de combate
à varíola, à cólera e à febre amarela é apoiada por quase toda a imprensa,
principalmente pelo *Correio da Manhã* e pelo *Jornal do Brasil*,
além dos semanários ilustrados. Todos combatiam a obrigatoriedade [da vacina].
Darcy Ribeiro. 1904 O ano da vacina (1985, § 84).

29 de maio, 19 de junho e 03 de julho de 2021. Nesses três dias, manifestantes saíram às ruas de, pelo menos, 180 cidades de todo o Brasil para protestar contra o presidente Jair Messias Bolsonaro. Em pauta, a aceleração da vacinação contra o coronavírus, o aumento da extensão e do valor do auxílio emergencial, benefício criado pelo governo para ajudar famílias em situação de vulnerabilidade durante a pandemia, e pedidos de impeachment do presidente. As manifestações foram organizadas por partidos de oposição ao governo, entidades estudantis, movimentos sociais e sindicais.



Nas imagens, manifestantes, muitas vezes vestidos com roupas com frases de protesto, eram vistos segurando faixas ou cartazes pedindo a saída de Bolsonaro do governo. Em contrapartida, em 12 de junho, simpatizantes do governo também tomaram as ruas de cidades brasileiras em motocicletas em apoio ao presidente.



Jair Messias Bolsonaro, capitão reformado do Exército, chegou à Presidência da República em 2018, depois de exercer sete mandatos como deputado federal. Durante

toda a campanha política, apresentou-se como candidato conservador, que preservava os direitos da família, o que fez com que ele ficasse conhecido como um candidato populista.

Bolsonaro foi eleito com 55,13% dos votos válidos no segundo turno das eleições, o que corresponde a quase 58 milhões de eleitores⁶. Para Empoli (2019, p. 18), esse fato foi possível, graças a uma corrente populista que vem tomando conta de boa parte dos países onde

O jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia. Para conquistar uma maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos.

Ainda de acordo com o autor, “na prática, para os adeptos dos populistas, a verdade dos fatos, tomados um a um não conta. O que é verdadeiro é a mensagem no seu conjunto, que corresponde a seus sentimentos e suas sensações”. E complementa: “diante disso, é inútil acumular dados e correções, se a visão do conjunto dos governantes e dos partidos tradicionais continua a ser percebida por um número crescente de eleitores como pouco pertinentes em relação à realidade”.

Para Empoli (2019, p. 18), as redes sociais têm um papel fundamental na propagação desse tipo de política, uma vez que “a nova propaganda se alimenta sobretudo de emoções negativas, pois são essas que garantem a maior participação”, o que garantiria o sucesso da divulgação de notícias falsas e de “teorias da conspiração”, já que são inseridas em um contexto onde a população está dominada pela sensação de medo e os discursos contrários a ela já não são mais críveis para a sociedade.

No caso da eleição do presidente brasileiro, Empoli (2019, p. 23) nos lembra que a posse de Bolsonaro foi festejada por líderes populistas de outras partes do mundo, principalmente nos Estados Unidos, Hungria e Israel.

Bem longe de se resumir ao aspecto anedótico, essa colaboração teve consequências consideráveis no plano geopolítico, e já modificou os contornos do ciberespaço, pelo desenvolvimento de uma cadeia global de pessoas capazes de conduzir operações de desinformação de um canto a outro do planeta. Além do mais, gera relações e troca de experiências que permitem aos nacional-populistas replicar, por diversos países, os modelos de campanhas mais eficazes.

⁶ <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>. Acesso em 71 de julho de 2021.

O autor faz ainda um paralelo entre o crescimento da direita em todo o mundo, inclusive no Brasil, e os acontecimentos na política mundial. Como exemplo, o autor destaca a ascensão do gestor Gianroberto Casaleggio, especialista em marketing digital e estudioso da opinião pública italiana, desde a década de 2000. Nessa pesquisa, Empoli (2019, pág. 26) mostra como se deu o crescimento do blog político criado por Casaleggio. “O blog que surfa sobre temas populares que estimulam o ressentimento com o establishment político e financeiro: a corrupção dos homens públicos, os abusos das grandes empresas à custa dos pequenos acionistas, a precarização do trabalho”. Como forma de solucionar problemas sociais, o blog, no entanto, “propõe remédios concretos [...] para os males que aponta”.

De acordo com Empoli (2019, pág. 26), o objetivo do blog de Casaleggio estaria claro: “para fazer política, não é preciso se inscrever num partido e esperar anos a fio. Você pode fazer política em qualquer momento do seu dia, publicando comentários no blog ou difundindo posts na plataforma. E, assim, fazer parte das coisas desde o início do processo”. O crescimento desse e de outros blogs com o mesmo pensamento político ao redor do mundo, também possibilitaram a ascensão da direita mundial.

#AmatucidadeForaaofascismo

Prepare tudo o que é seu	Nem quem vem atrapalhar
Veja se nada você esqueceu!	Há quem nos queira atrapalhar
Pois amanhã vamos pra rua fazer	
Fazer uma tremenda anarquia	E assim nós iremos adiante
Pintar as ruas de alegria	Iremos, custe o que custar
Porque	Pois as ordens vêm de um alto-falante
Quem manda hoje somos nós, mais	Que só nós não conseguimos escutar
ninguém	(Ronnie Von. Anarquia, 1968)
E não ligamos pra quem vai	

Nossa referência de cidade, além da capital paulista, é Sorocaba. Cidade do interior no qual a votação para o atual governo foi maciça, perfazendo 73,72% dos eleitores que votaram (257.866 votos) em segundo turno. No primeiro turno foram 59,07% (213.685 votos) e ainda mais preocupante, o Cabo Daciolo foi votado no primeiro turno por 2825 pessoas (0,78%), Cubatão, cidade em que esse candidato teve mais votos (3,44%) foram 2.310 votos...

Estatísticas a parte, o fato é que reforça por meio do voto, sua posição conservadora e de apoio ao governo, ao extremismo de direita, o que se confirmou com o alinhamento do executivo municipal bolsonarista, apoio dos meios de comunicação ligados à maçonaria.

Dessa forma, não temos, exatamente, uma conclusão, considerando que nosso cotidiano na cidade, não nos permite encerrar o processo, ao contrário, cada dia, nos exige melhores indagações no lugar de respostas, novas posições para velhos problemas de coronelismo midiático, outros posicionamentos teórico metodológicos para contrariar os tecnocratas morais formados por médicos, advogados, políticos e teólogos a desempenhar papéis na sociedade e nos governos, imbuídos de vencer o “mal” – que eles entendem serem o comunismo, o aborto, como acertadamente indicou Cowan (2021).

A cidade continuará como o locus de manifestações das certezas e incertezas dos movimentos, ou seja, da aposta consciente ou inconsciente no que virá. Nesse ponto, continuamos a imaginar um país do futuro, no qual, se não der certo um, colocamos outro. Essa flexibilidade histórica de nosso voto tanto atende interesses da esquerda quanto da direita e amordaça o presente, uma vez que a luta do bem contra o mal se perpetua e a consciência do processo se perde para a maioria dos implicados nessa luta.

Conhecer e reconhecer como chegamos aqui é uma necessidade de todos os setores.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **A Fundação e os Fundamentos das Novas Cidades**. *Informa-AGB-São Paulo* n° 52 de junho de 1994, páginas 5 a 9.

CAPRIGLIONE, Laura #ForaBorbaGato: ou a Revolução será periférica ou não será! Disponível em <https://jornalistaslivres.org/foraborbagato-ou-a-revolucao-sera-periferica-ou-nao-sera/> . Acesso em 25 jul. 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

D’ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos IN *Novos estudos CEBRAP, SÃO PAULO, V39n01, 19-36, JAN.–abr. 2020.*

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do Caos** – como as *Fake News*, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Tradução Arnaldo Bloch. 1a ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Viagem à Itália** 1786 – 1788. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 [no original citado por Empoli. GOETHE, Johann Wolfgang, *Voyage en Italie* (1786-1788), Milan, Rizzoli, 2007].

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular. Pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

G1. Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>. Acesso em 1 de jul. 2021.

LEMOS, André. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 25, p. 52-65, jun. 2013. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/13635/11399> .Acesso em 1 de jul. 2021.

LATOUR, Bruno *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do AtorRede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MEZAROBBA, Glenda. O Brasil e a nova direita IN Revista Pesquisa Fapesp, julho de 2021, Ano 22, n. 305, págs. 80-83)

RIBEIRO, Darcy. 104. O ano da Vacina **In** Aos Trancos e Barros. Como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985, § 84.

ROVIDA, Mara. *Jornalismo das Periferias. O diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

SADER, Emir. Que direita é essa? Teoria e Debate, EDIÇÃO 143 - 14/12/2015. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/estante/direita-volver-o-retorno-da-direita-e-o-ciclo-politico-brasileiro/> Acesso em 30 jul. 2021.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

VELASCO E CRUZ, Sebastião, KAYSEL ,André e CODAS Gustavo (orgs.). ‘Direita, Volver! O Retorno da Direita e o Ciclo Político Brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.

VON, Ronnie. *Anarquia* IN LP Ronnie Von 1968 (música). LPNG 44.022, Rio de Janeiro: Polydor, 1968.